

Imaginário em Santiago Zavala: análise do jornalista latino-americano em Llosa

*Rafael Duarte Oliveira Uenancio*¹

Resumo

Essa resenha propõe uma análise do clássico *Conversa na Catedral*, do escritor Mário Vargas Llosa, usando a formação do imaginário latino-americano do jornalismo como foco. Através da trajetória do personagem principal, o jornalista Santiago Zavala, percebemos o caminho entrecruzado entre burguesia, comunismo, juventude, boemia e liminaridade social que caracterizou o período ditatorial militar nos países da América do Sul e Central.

Palavras-chave: Mário Vargas Llosa (1936-), História do Jornalismo, América Latina, imaginário

“Não é uma história sobre jornalismo, é uma história sobre o Peru dos anos 40 e 50”, poderia dizer um leitor desavisado. Apesar do jornalismo aparecer pontualmente no livro *Conversa na Catedral*², de Mario Vargas Llosa, podemos extrair algo muito mais importante do que mero Jornalismo, podemos ir fundo na formação, tanto profissional quanto emocional, do jornalista. Aliás, podemos ir até além e dizer que se trata da formação do imaginário do jornalista latino-americano.

Pegue um rapaz de família burguesa e junte com uma pitada de marxismo universitário. Adicione um ideal revolucionário contra a ditadura, um desejo de se emancipar de todas as ordens antecessoras, um gosto pela escrita e um emprego sem pretensões em um jornal diário. Acrescente boemia, bebidas e cigarros a gosto.

Descrever um imaginário como se fosse uma receita de bolo pode ser chavão, só assim poderíamos descrever todo percurso de Santiago Zavala para virar um jornalista (ou

¹ Graduando em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e bolsista de Iniciação Científica do Centro de Estudos da Metrópole do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEM-CEBRAP) com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

² LLOSA, Mario V. *Conversa na catedral*. Trad: Olga Savary, São Paulo: Circulo do Livro, 1977.

para virar um “fodido”, como se autocaracteriza no escrito Vargas Llosa, através de questionamento ao longo da trama). Mas, analise melhor essa “receita”. Para acontecer, precisaria ser no Peru dos anos 40 e 50?

Não. Essa situação poderia acontecer em qualquer país latino-americano. Poderia ser no Brasil da década de 70, na Argentina de Videla, no Chile de Pinochet ou em qualquer outro país do continente (da América do Sul ou da América Central) que teve uma situação de Ditadura Militar.

O livro de Llosa tem esse mérito, é uma história que nos toca como latino-americanos, nos toca como jornalistas, nos toca como cidadãos, nos toca como pessoas. Por isso há várias maneiras de lê-lo, que perpassam sua narrativa não-linear: como história peruana, como crítica à burguesia e aos seus valores, como crítica aos militares no poder, como retrato da juventude oprimida que perde sua ilusão, como crítica e caracterização dos jornalistas que trabalham nas editorias policiais e locais, entre muitas outras.

O interesse dessa análise está na formação ideológica e ética da figura do jornalista. O interessante aqui é pegar como Santiago, filho de burgueses ricos de Miraflores, vira estudante da Universidade de San Marcos e simpatizante da Cahuide (Partido Comunista Peruano na ilegalidade) para, finalmente, se transformar em jornalista do jornal *La Crónica*: boêmio, ganhando pouco, vivendo de aluguel, odiando política e com um serviço burocrático, ou seja, escrever os editoriais.

Fazendo um breve resumo, Santiago escolhe San Marcos em detrimento da Universidade Católica para fugir do estereotipo burguês:

– Mas vou lhe dizer uma coisa – diz Santiago. – Não me arrependo de ter entrado para San Marcos em vez da Católica.

(...)

– Porque graças a San Marcos não fui um aluno-modelo, nem um filho-modelo nem um advogado-modelo, Ambrosio – diz Santiago.

(...)

– Porque no bordel você está mais perto da realidade que no convento, Ambrosio – diz Santiago (LLOSA, 1977, p. 147).

Em San Marcos, participa de grupos de estudos marxistas e, através do empenho e da preocupação para mudar a situação, os estudantes são convidados para entrar na Cahuide, o Partido Comunista Peruano na ilegalidade. Aída e Jacobo, melhores amigos de Santiago, se tornam partidários, porém Santiago prefere ser apenas simpatizante.

Nessa não-opção pela Cahuide e, depois, pela briga que teve com seu pai após ser preso na greve estudantil, Santiago também foge do estereótipo proletário:

- Posso lhe fazer uma pergunta? – disse Aída. – Por que não se inscreveu? Quais são suas dúvidas?
- Já lhe falei uma vez – disse Santiago. – Ainda não estou convencido de algumas coisas. Queria...
- Você ainda não está convencido de que Deus não existe? – riu Aída.
- Ninguém tem por que discutir sua decisão – disse Jacobo. – Deixe que ele a tome a seu tempo.
- Isso não se discute mas vou lhe dizer uma coisa – disse Aída, rindo-se. – Nunca se inscreverá e quando terminar San Marcos se esquecerá da revolução e será advogado da International Petroleum e sócio do Clube Nacional.
- Console-se, a profecia não se cumpriu – disse Carlitos. – Nem advogado nem sócio do Clube Nacional, nem proletário nem burguês, Zavalita. Só um pobre merdinha entre os dois (LLOSA, 1977, p. 144).

Esse “pobre merdinha entre os dois” citado acima é o jornalista. Santiago adota isso como profissão para se sustentar quando vai morar sozinho. Entra na editoria local do *La Crónica* pela indicação de seu tio Clodomiro, amigo de infância do chefe de redação Sr. Vallejo.

Interessante pensar nisso: um jornalista que entra na profissão pelo sustento e não por uma ideologia de mudar o mundo. Esse imaginário latino-americano é totalmente diferente do norte-americano, que coloca o jornalista em um papel heróico na defesa do povo ou da democracia.

Basta ver filmes como *Todos os homens do presidente* (*All the president's men*, de 1976) e *Boa noite, e boa sorte* (*Good night, and good luck*, de 2005) para ver como a visão que se tem do jornalismo é diferente. Um jornalismo que defende o povo contra as posições malélicas dos poderosos, seja do Presidente Nixon, seja do Senador McCarthy.

Santiago não fez isso. Começou escrevendo na editoria local e vai para os editoriais. Não escreve, muito menos lê sobre política. A única oportunidade que teve de combater os poderosos foi na reportagem do assassinato da Musa.

Nessa época, Santiago foi designado para trabalhar na editoria policial, porém, quando uma testemunha-chave diz que o mandante do crime fora Don Fermín Zavala, pai de Santiago, ele dá para trás, assim como seus colegas de jornal. Não fazem nem uma investigação para saber se a acusação era verdade ou não, apenas não se metem com os poderosos.

Um agravante é que a única forma de censura dessa época era dos donos do jornal, pois nesse tempo, Odría não estava mais no poder e Dom Cayo Bermúdez não controlava mais a imprensa como no caso do Sr. Tallio e da Ansa (LLOSA, 1977, p. 222-224, 226-227, 230-232).

Será que Santiago tinha deixado toda a sua ideologia revolucionária de lado? Não sobrara nenhum resto de sua juventude? Restara sim, como diz para Carlitos, seu colega de jornal:

- Quer dizer que com nossas cacografias estamos encorajando os rebeldes de dezesseis anos – disse Carlitos. – Pode tirar esse peso da consciência, Zavalita. Veja só, mesmo que indiretamente, você ainda ajuda seus ex-camaradas.
- Diz isso de brincadeira mas talvez seja isso mesmo – disse Santiago. – Cada vez que escrevo sobre alguma coisa que me repugna, faço o artigo o mais asqueroso possível. Amanhã pode ser que um rapazinho leia, sinta náuseas e alguma coisa pode acontecer (LLOSA, 1977, p. 147).

É nessa fala pontual no texto que Santiago, além de dizer seu método de elaboração das notícias, une o imaginário latino-americano do Jornalismo com um dos maiores casos do Jornalismo Mundial, o Caso Dreyfus. Sua posição é análoga da de Émile Zola com o seu artigo *J'accuse*:

Angustiado diante dos acontecimentos e contrariando a opinião dos companheiros de luta, Zola dá uma cartada estratégica publicando a famosa *J'accuse*: carta ao presidente da República. Seu objetivo é atrair a ira do governo, ser processado e, durante o seu processo, apresentar provas esclarecedoras da inocência de Dreyfus (HIME, 1997, p. 10).

Enquanto Zola quer provocar o Governo, Santiago quer provocar aqueles jovens. Jovens que eram como ele e seus amigos, que se reuniam e diziam: “ – Aqui tenho o recorte da Prensa – disse Aída. – Leia se você quiser vomitar” (LLOSA, 1977, p. 147).

Essa é a formação do jornalista Santiago, esse é o mais corrente imaginário do Jornalismo latino-americano. Pode ser um burguês sem dinheiro e um proletário sem luta, pode ser um fugitivo do modelo ideal de cidadão e um revolucionário sem crença, mas no fundo sabe que provoca a sociedade e tem um papel muito importante dentro dela.

Quando foi que Santiago vira, segundo suas palavras, um “fodido”? Não era isso que ele fica sempre a perguntar na trama? Uma resposta possível é que ele se tornou isso porque não conseguiu unir todas as suas experiências formadoras (a criação burguesa, a formação marxista e o trabalho jornalístico) e se deixou levar pela maré do pragmatismo.

Pragmatismo esse que encontra sua cantilena nas palavras de Santiago no livro de Vargas Llosa: “E neste país quem não se fode, fode os outros”.

Bibliografia

HIME, Gisely V. V. C. *O jornalista Zola e o Caso Dreyfus (1894-1906) – Reflexões sobre o exercício do jornalismo*. ECA/USP, 1997.

LLOSA, Mario V. *Conversa na catedral*. (trad Olga Savary), São Paulo: Círculo do Livro, 1977.